

VIDA E LIBERDADE EM HANS JONAS: pressuposto teóricos para uma filosofia da técnica

Helysson Assunção França¹
Luizir de Oliveira²

RESUMO: O estudo tem como objetivo abordar a ética da responsabilidade a partir da ontologia, tendo como foco, o fenômeno vida, a qual encontra-se ameaçada pela técnica e que possui como possibilidade de não destruição, o princípio ético da responsabilidade como freio da liberdade destruidora da técnica moderna. Para tanto, tomaremos como direção, a Filosofia de Hans Jonas, cujas obras constituem verdadeira orientação para a atual era tecnológica.

Palavras-chave: ética; responsabilidade; ontologia; vida; técnica; liberdade.

ABSTRACT: The study aims to address the ethics of responsibility starting with the ontology and having as focus the life phenomenon, which is threatened by the technique having as ethical principle of responsibility not destruction, as liberty brake of modern technique. To do so, we will take as directed, the philosophy of Hans Jonas, whose works are true guidance for the current technological era.

Keywords: ethics; responsibility; ontology; life; technique; freedom.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo expor o pensamento de Hans Jonas no que se refere à ética da responsabilidade, tomando como temas centrais: vida, liberdade e responsabilidade, temas estes, detidamente estudados e analisados por Jonas, que postula como importância de caráter urgente, a necessidade de pensar uma nova ética, tendo em vista que as éticas do passado não dão conta dos problemas causados pela técnica, que põe a vida em constante ameaça de destruição. Nesse sentido, faremos uma breve exposição das bases teóricas que dão sustentação à filosofia de Hans Jonas, citando o fenômeno vida para compreendermos o que ela significa e onde se inicia, passando pela compreensão do autor sobre a liberdade da vida; o surgimento do espírito na matéria; os perigos nascidos da liberdade (que encontra-se em seu grau máximo no ser humano e que através do poder localizado na categoria da decisão, pode optar por ser uma decisão ética ou não ética, e sendo não ética constitui um perigo ameaçador, com a utilização do poderio da técnica moderna). Por fim discutiremos sobre a vida como deve ser: pautada numa ética

¹ Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: helysson_franca@yahoo.com.br

² Dr. em Filosofia. Universidade Federal do Piauí - E-mail: luiziroliveira@gmail.com

inovadora trazida à baila no terreno filosófico por Jonas, por meio do princípio ético da responsabilidade. Nesse sentido, faremos uma revisão bibliográfica, buscando recolher traços importantes espalhados em obras do autor traduzidas para o português e o espanhol.

VIDA

A vida é um tema central do pensamento de Hans Jonas, o filósofo pensou, refletiu e muito escreveu sobre ela. Ele pensou a vida em um sentido global, inserindo a natureza com todos os seres vivos. Nesse passo, rompeu com o dualismo cartesiano, que separou a *res extensa* da *res cogitans*, que deu ao fenômeno vida uma interpretação reducionista. A vida em si é um fenômeno em constante movimento, em constante mudança, e a filosofia de Jonas nos possibilita um despertar, nos torna atentos para a importância da vida enquanto caráter biológico e enquanto caráter existencial. É preciso manter a vida e garantir o direito de viver daqueles que ainda virão à existência.

A tradição filosófica, desde os pré-socráticos, os quais investigaram um princípio geral para o fenômeno vida, colocou o homem em uma categoria “superior” aos demais organismos vivos, separando-os. Onde os organismos vivos diferentes do homem eram seres puramente materiais, não possuidores de alma, enquanto o homem, era um ser material e espiritual, dotado de alma, e por isso, merecedor de cuidados e “privilégios”. Sendo assim, os seres vivos em geral, não dotados de alma, sempre foram tratados como “coisa” passível de apropriação e manipulação pelo homem. Essa separação, é o que configura o reducionismo ontológico anteriormente citado. O sujeito *cognoscente* é um, que pertence a categoria da superioridade, e a *res extensa* é apenas uma “coisa” que pode ser apropriada livremente e não “merece” cuidado. Segundo Jonas essa divisão feita por Descartes, foi uma separação que “forneceu a carta magna metafísica para um quadro puramente mecanicista e quantitativo do mundo natural, com seu corolário do método matemático na física”.³

Desse modo, nosso filósofo, caminha contra esse reducionismo filosófico que se tornou também científico, e propõe uma nova ontologia, que seja capaz de pôr em evidência, a vida em um sentido global, incluído a natureza como um todo. A vida biológica

³ JONAS, H. **O princípio vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 95.

em sentido mais primitivo, tal qual a vida humana, merece ser cuidada, preservada, pois aquela, da mesma forma desta, segundo Jonas é possuidora de espírito. A vida “em suas estruturas mais primitivas, o orgânico já prefigura o espiritual, e que mesmo em suas dimensões mais elevadas, o espírito permanece parte do orgânico”.⁴ Vida em sentido lato, para Jonas, inclui a matéria, o corpo enquanto organismo vivo. A vida [...] “é individualidade autocentrada, existindo para si e em oposição a todo o resto do mundo, com um limite essencial entre o dentro e o fora – apesar da troca efetiva, ou mesmo baseada nela”.⁵

Jonas postula sobre a necessidade de se pensar e cuidar da vida de forma *lato sensu*, de maneira que a natureza com os seres mais elementares sejam incluídos nesse pensar e cuidado. Para Jonas esta é uma tarefa da filosofia e por isso ele trouxe para o centro do seu filosofar a vida como um todo. Pois a vida historicamente se auto afirma, numa luta de contrários, entre vida e morte, onde ela luta para permanecer viva. Nesse sentido, a morte enquanto evento natural é algo que faz parte do fluxo da vida, porém a morte enquanto não natural é algo que deve preocupar (a morte enquanto erro, fracasso, falha técnica, manipulação egoísta da natureza). Nesse passo, urge protegê-la naquilo que se tornou frágil, ameaçada de desaparecimento.

A LIBERDADE DA VIDA

Para Jonas, a vida é formada de matéria e espírito. O autor apresenta um monismo diferente, que identifica na vida uma unidade, de forma que a dualidade seja reconhecida, porém sem retroceder ao dualismo. A tentativa de Jonas, busca unir polos considerados antagônicos. Para cumprir tal mister, o autor alarga um conceito que ao seu ver tem um significado reducionista: o conceito de liberdade. Para ele em qualquer forma de vida, mesmo a forma mais elementar, possui liberdade, na medida em que a vida luta pra se manter vida, pois precisa utilizar-se de recursos do ambiente, que sendo hostil, é cheio de ameaças. Nesse sentido, o autor compreende que o ato de buscar os nutrientes que a vida precisa, seja ela qual for, para se manter vida, é um ato de escolha, e assim estende o conceito de liberdade para todo ser vivo que busca sobreviver.

⁴ IBID, p. 11.

⁵ IBID, p. 101.

Porém o autor compreende que a vida pode também escolher não lutar por essa busca e nesse sentido a mesma estaria marcada pela necessidade e para ele, isso significa escolher morrer. Jonas entende que a vida possui o poder de escolher e isso para ele significa liberdade. Vejamos o que ele nos diz nas suas próprias palavras: “possuindo o poder, tem que exercê-lo para existir, e não pode cessar de fazê-lo sem que cesse de existir: liberdade para o fazer, mas não para o omitir”.⁶ No entendimento do autor, quanto mais livre a vida é, maior é sua possibilidade de fracasso. Isso para ele é algo paradoxal, pois a vida precisa romper horizontes para se manter e quanto mais o faz, mais perigo corre, ou seja, a liberdade é cheia de riscos e perigos.

No que se refere ao animal homem, para Jonas o desenvolvimento deste se passou da forma mais rudimentar: do fazer o fogo com madeira apanhada na mata, por exemplo, até o desenvolvimento atual da era tecnológica, não representando tal crescimento sinônimo de progresso, pois foi o homem responsável pela probabilidade crescente de destruição da vida, pelo mau uso da técnica. Diante dos riscos causados pelo homem, por meio da técnica, urge um empreendimento de uma ética que seja capaz de neutralizar esse poder destruidor, empreendimento este que Jonas vai chamar de um “poder sobre o poder”.⁷ Para Jonas o selo, de onde parte toda a existência orgânica, inicia-se no metabolismo: os primeiros organismos escolheram romper com o não ser; para isso, utilizaram-se da matéria inanimada que estava à disposição no ambiente e assim através do metabolismo formaram-se organismos vivos. Isso para Jonas constitui a liberdade x necessidade. O ato de romper com o não ser (matéria disponível e segura - necessidade) permitiu o surgimento do ser (ato de liberdade que deu origem ao organismo vivo). Nesse sentido, o ato de liberdade é um ato paradoxal, pois ao mesmo tempo que é livre, é obrigatório. Sobre liberdade x necessidade, vejamos o que um estudioso brasileiro da filosofia de Hans Jonas explica:

A liberdade se torna, paradoxalmente, algo obrigatório, pois o vivo, para continuar sendo vivo, necessita (é obrigado a) escolher a si mesmo, ou seja, implementar a saída de si em direção ao mundo que o cerca, em busca dos nutrientes de sua própria sobrevivência. O poder de transformar em seu próprio benefício esses elementos recolhidos no exterior está assinado no

⁶ JONAS, H. **O princípio vida:** fundamentos para uma biologia filosófica. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 107.

⁷ JONAS, H. **Técnica, medicina e ética.** Sobre a prática do Princípio Responsabilidade. Trad. GT Hans Jonas da ANPOF: São Paulo: Paulus, 2013. (Col. Ethos).

âmbito de uma necessidade absoluta de fazê-lo, dada a ameaça constante do não-ser que ele mesmo carregou para dentro da existência.⁸

A vida humana constitui-se em uma eterna luta para manter-se vida, pois ela é frágil e sua marca característica é a precariedade, uma vez que sendo vida torna-se necessariamente morte, pois a morte é um fim inevitável que vida alguma consegue livrar-se. A vida na temporalidade é frágil, insegura, provisória e depende da matéria (ar, água, alimento) para se manter. Portanto, todas as vidas, das mais elementares as mais complexas, são possuidoras dessa verdade (a efemeridade da vida) e é preciso vencer obstáculos para cultivar a vida, essa audácia significa aquilo que já mencionamos em linhas acima: a liberdade. Para Hans Jonas, essa liberdade é exercida por todos os seres vivos, no entanto, ele faz uma diferença nos modos em que é exercida em cada ser vivo, sendo que no vegetal tal liberdade se exerce de forma natural, no animal irracional se exerce por impulso natural e no ser humano de forma opcional. Afirma-se pois que a liberdade está presente em todos os seres vivos. Segundo ele, no ser humano, diferentemente dos outros seres vivos, a liberdade de relaciona com a moralidade, na medida em que, no homem ela se expressa de forma voluntária e assim sendo, ele escolhe permanecer vivo ou extinguir-se do mundo. Tal moralidade está diretamente relacionada a reponsabilidade. Para ele, a ideia de responsabilidade está relacionada a uma outra ideia, qual seja: a ideia de previsibilidade. Ou seja, o homem sendo livre, tem a capacidade de previsibilidade sobre sua ação e a escolha racional em evitar resultados ruins é responsabilidade. “Essa responsabilidade está amparada na fragilidade da vida, que se encontra ameaçada pelo poder da técnica, que tem levado a degradação ambiental e a extinção inúmeros organismos ao redor do planeta numa velocidade sem precedentes”.⁹

Segundo Jonas, a técnica pode ser ameaçadora da vida biológica como um todo, por isso urge ao homem um agir pautado em uma ética da responsabilidade. Urge também se fazer uma releitura filosófica daquilo que se entende por biológico, de forma que o nível de importância seja estendido para além do homem, ou seja, de modo que alcance toda a natureza. Ele nos diz: “as grande contradições que o ser humano descobre nele mesmo – liberdade e necessidade, autonomia e dependência, eu e mundo, relação e isolamento, criatividade e moralidade – encontram sua prefiguração já em germe nas formas mais

⁸ OLIVEIRA, Jelson. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla. – São Paulo, 2015, p. 24. – (Coleção Ethos)

⁹ OLIVEIRA, Jelson. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla. – São Paulo, 2015, p. 26. – (Coleção Ethos)

primitiva da vida, cada uma contendo perigosamente a balança entre ser e não ser, e portanto já em si um horizonte interno de transcendência”.¹⁰

De acordo com Jonas, a liberdade possui uma verticalidade, cujos níveis se encontram em escalas ascendentes. Dessa forma, o metabolismo está no nível primeiro de liberdade e a ordem ocorreria assim: “metabolismo, arte e conceito – um escalonamento contínuo de liberdade e de perigo, que culmina no homem, no qual [a vida] conquistará talvez uma nova compreensão de sua unidade, contando que ele cesse de e considerar como metafisicamente separado”.¹¹ Portanto, é no ser humano que a liberdade se expressa no seu mais alto nível. Ademais, o metabolismo como já dito, é onde a liberdade se manifesta em seu grau primeiro, tal ideia contrasta com aquilo que se extrai do conceito típico de metabolismo (como conjunto de transformações, num organismo vivo) onde impera a mera necessidade. O posicionamento filosófico de nosso autor vai contra tal definição, na medida em que sustenta que a liberdade já existe desde os primeiros instantes de existência da substância orgânica. Dessa forma o autor nos faz esticar o pensamento para ultrapassar a ideia que já estava formada em nossa mente. Nesse sentido, a liberdade é compreendida como causa *sine qua non* da existência da vida, assim a vida surge da não vida, o ser surge do não ser. É possível dizer ainda: a liberdade se manifesta desde a matéria orgânica. Vejamos o que Jonas nos diz sobre isso:

(...) “liberdade” deve designar um modo de ser objetivamente diferenciável, quer dizer, uma maneira de existir que se sobressai no orgânico per se, e que todos os membros da classe “organismo”, e ninguém mais, têm, por conseguinte, compartilhado: um conceito ontologicamente descritivo, que pode mesmo, no início, se reportar a estados de coisas puramente físicas”.¹²

Nesse passo, a liberdade está presente na natureza como um todo e foge do conceito de liberdade relacionado a uma categoria moral da ação humana. Pode-se dizer, que seguindo as pegadas de Jonas, compreende-se que a liberdade, a partir do nível inicial da matéria orgânica, vai subindo verticalmente até atingir o seu grau máximo de manifestação no ser humano. A matéria orgânica é o espaço da necessidade, pode-se dizer com isso, que nela está presente um mundo de possibilidades, pois poderia o não ser

¹⁰ JONAS, H. **Pensar sobre Dios y otros ensayos**. Trad. Angela Ackermann. Barcelona:Herder, 1998. p. 26.

¹¹ IBID, p. 27.

¹² JONAS, H. **Pensar sobre Dios y otros ensayos**. Trad. Angela Ackermann. Barcelona:Herder, 1998. p. 28.

continuar não sendo, mas, na medida em que utiliza-se dá liberdade passando do não ser ao ser, entra num mundo da contingência e desse modo, sai da segurança a insegurança, passando a enfrentar inúmeros perigos, marcados pela fragilidade da vida, de sua precariedade, onde a morte passa a ser uma possibilidade, vez que ela é marca da vida. Jonas entende que quanto maior a liberdade, maior é o perigo, tal perigo para ele inicia-se desde o metabolismo. Paradoxalmente, a referida liberdade enquanto liberdade também é vista pelo autor como precária, na medida em que o ser, mesmo tendo saído do não ser, continua ainda dependente do não ser, pois precisa dessa matéria da qual se desatou. Nesse passo, o risco da morte é sempre possível e por vezes iminente.

DA MATÉRIA AO ESPÍRITO

O surgimento do espírito é assunto que interessou a Jonas, e para tentar encontrar respostas para dizer como nasceu o espírito na matéria, ele formulou o que se pode chamar de estágios do movimento. Vejamos como ocorre a separação dos mesmos, de acordo com a explicação de Oliveira, que diz:

(...) em três estágios de análise do movimento que 1) parte do dado material e, paulatinamente, 2) chega ao dado espiritual e 3) alcança o dado divino-criador (que é apresentado como uma conjectura) : do externo para o interno e do anterior para o posterior (quanto à história do ser), do mais frequente para o mais raro (do ponto de vista quantitativo), do simples para o complexo (do ponto de vista estrutural) do ver e sentir para o pensar (do ponto de vista da apreensão) em finalmente do pensar mais interno, raro e tardio, para o que é primeiríssimo (do ponto de vista do que está no começo de tudo).¹³

O autor (Hans Jonas) percorre um caminho em busca de respostas para compreender como o cosmos se abriu para o surgimento da matéria orgânica. Nessa busca ele formula alguns interrogantes, entre os quais: existiria alguma mensagem ou algum planejamento morando na matéria orgânica que uniria o espírito a ela mesma? Nosso autor formula tal interrogante e responde que não haveria nenhuma informação prévia na matéria, pois caso existisse alguma informação, ele teria que aceitar um motor gerador a essa matéria. Ele acredita que não há qualquer ser anterior a matéria orgânica que a tenha formado ou inserido qualquer informação nela.

¹³ OLIVEIRA, Jelson. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla. – São Paulo, 2015, p. 30. – (Coleção Ethos)

Qual seria então a hipótese aduzida por Jonas quanto ao surgimento da matéria e do espírito? E como se deu a ligação entre ambos? Para o autor, o surgimento de tudo ocorreu misteriosamente a partir de um explosão, e tudo teria sido, segundo ele, tão rápido que a matéria não teve tempo hábil de guardar em si qualquer informação. Porém o autor apresenta um motivo sublime como possibilidade, que para ele representa ou o próprio acaso físico ou algo mental da categoria da cosmogonia. Na tentativa de compreender o incompreensível, vejamos a explicação de Oliveira sobre este assunto:

(...) Para o filósofo, a ideia de uma hipótese organizacional para a natureza como um todo residiria nas leis de conservação. (...) O que significa que é preciso reconhecer que a própria natureza já é um resultado da seleção que passa, a partir de si mesma, a implementar como regra para as novas seleções que ocorrem no seu corpo. A regularidade e a estabilidade se apresentam como alternativa ao caos original e se impõe a ele de forma mais bem sucedida: só o que é regular sobrevive e permanece. Isso significa que os prótons e mesmo a gravitação e as leis da mecânica, os átomos de hidrogênio e os elementos da tabela periódica, enfim, todo o reino da matéria (na forma das partículas elementares), teriam surgido a partir da evolução e da seleção (o domínio do mais durável a partir do mais provisório que se perde mais facilmente e não retorna.¹⁴

Como se observa do exposto acima, há na matéria uma seleção natural, a própria matéria participa da seleção de si própria, portanto a matéria é também não durável, apesar de ser mais durável que o ser, que surge a partir dela própria. Assim Jonas explica o surgimento e extinção de tudo, vejamos:

(...) os ciclos do dia e da noite, do inverno e do verão, da renovação atmosférica, por exemplo, deixarão de existir quando a Terra, graças não efeito retardador da maré sobre sua rotação, terá de forma constante apenas um lado virado para o sol (como já o caso da Lua em relação à Terra). Mas até lá ainda há muito tempo para a evolução na Terra (e no cosmos).¹⁵

O autor destaca a fragilidade da orbe terrestre, e a iminência de esgotamento de seus recursos naturais, bem como a possível destruição total. Quanto ao surgimento do espírito na matéria, isso é algo que o autor não deixou claro em sua teoria, portanto, a questão está em aberto. Ele apenas aponta para uma possível explicação, mas fica na esteira da mera conjectura, que teria sido algo “misterioso”, “transcendente” que teria dado

¹⁴ IBID, p. 31-32.

¹⁵ JONAS, H. **Matéria, espírito e criação**: dados cosmológicos e conjecturas cosmogônicas. Trad. Wendell Evangelista Soares Lopes. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 16.

a matéria um sopro que possibilitou ascender a patamares superiores de espiritualidade e interioridade.

É importante destacar, que apesar de na matéria não possuir plano algum, segundo Jonas. Há nela, uma “desejo” enquanto possibilidade, o que também pode-se chamar liberdade, e aí seria, liberdade do desejo, pois ao mesmo tempo que deseja, pode fazer jus ao seu desejo ou não. E se faz, diante da possibilidade que surge, da liberdade do desejo chega ao mundo enquanto ser. Jonas atribuiu um nome ao referido desejo, o qual ele chamou de “Eros cosmogônico”.¹⁶ Assim, a vida teria como característica impressa, uma disposição erótica, na medida em que ela desde a matéria possui em si um desejo, ou seja, ela se quer a si mesma. Desse modo não apenas o acaso, enquanto explosão inicial explicaria o aparecimento da vida mas, juntamente com o acaso também o desejo. E esse desejo faz com que a vida continue se auto afirmando e dizendo sim a si mesma, uma vez que ela possui como *telos*, ela mesma. Nesse sentido, Jonas vai mais longe, ao afirmar que a própria subjetividade existe juntamente com a própria matéria. Matéria e subjetividade se entrelaçam, nascem juntas. Assim, se não houver matéria não há subjetividade, e a matéria (natureza) tem como finalidade ela própria. Desse modo fala-se de uma imanência, sem qualquer relação com a transcendência. Assim, segundo Jonas, não há necessidade para se buscar na transcendência qualquer explicação referente ao próprio pensamento subjetivo, pois o mesmo se explica pela própria ação do Eros cosmogônico como já dito. É importante ressaltar que, nosso filósofo se pauta em conjecturas, e assim se afasta da ciência que busca o sentido da existência por meio de certezas.

LIBERDADE ÉTICA E O PERIGO

Das várias classificações de liberdade feitas por Jonas, discorreremos aqui da liberdade ética, vez que não há espaço neste pequeno ensaio, para desenvolver a classificação de liberdade de acordo com a classificação total feita por Jonas. Pois bem. A liberdade ética é aquela exercida pelo homem e segundo Jonas aí mora o perigo, uma vez

¹⁶ IBID, p.24.

que a ética encontra-se na consciência das pessoas e é dali que a parte as decisões, que ao mesmo tempo pode ser uma decisão para afirmar a vida como para negá-la. Ele lembra que a compreensão do bem e do mal ditados pela moral pode encenar a possibilidade para pender para um lado ou para outro. Então o resultado partiria, segundo ele, da categoria da decisão ética. Segundo Jonas, a força daquilo que ele chamou e transcrevemos no tópico anterior chamado “Eros cosmogônico” não dá garantias de cumprir o seu *télos*, que como citado, é o de afirmar a vida. Nesse sentido, pode-se afirmar que no interior da decisão ética mora um perigo exatamente por tratar-se de ser livre. No entanto, tal perigo pode ser barrado pela própria liberdade (isso no interior da decisão ética), sendo assim, verifica-se na categoria da liberdade ética, uma ambiguidade.

Quando se diz, que essa liberdade ética pode funcionar como uma força que barra o perigo, é necessário dizer, que a condição sem a qual a liberdade caminhará nesse sentido, chama-se “reflexão”. Pois é no interior da reflexão que o indivíduo pode avaliar entre o bem e o mal. Dessa forma, pode-se dizer que há um voltar-se para si e em si - não como individualidade singular, mas um voltar-se para um eu objeto, que reflete, baseado na percepção sensível e não como verdade existencial singular, porém, a reflexão é suficiente para gerar na categoria da decisão o instante decisivo que pode aspergir ética e justiça no meio social, no meio natural, no globo terrestre em sua totalidade. Não é demais repetir, que a referida liberdade não é categoria exercida apenas pelo homem, mas existe no interior de toda a natureza. Portanto, a liberdade existente no organismo não humano trata-se de uma liberdade enquanto princípio, que está presente desde o metabolismo. Voltemos então, à liberdade moral. O ser humano é um ser em constante liberdade. Tal liberdade implica fazer trocas com o universo e isso nos leva a uma ideia de auto integração da vida. Vejamos o que isso significa nas palavras do autor:

[...] a totalidade é aqui a execução ativa da autointegração; a forma não é o resultado, senão a causa da montagem material do que se constitui sucessivamente. A unidade é aqui autounificadora por meio da multiplicidade mutável. A mesmidade é a constante autorenovação por meio de um processo sustentado pelo fluxo do sempre diferente.¹⁷

A conjectura jonasiana é “Dantesca” porém muito interessante e fundamenta bem sua teoria sobre a ética da responsabilidade que ele desenvolve a posteriori, depois de

¹⁷ JONAS, H. **Pensar sobre Dios y otros ensayos**. Trad. Angela Ackermann. Barcelona:Herder, 1998. p. 25.

fazer toda a fundamentação dos pressupostos ontológicos de sua filosofia. Conjectura esta, que diz: no interior da liberdade como um todo, o Ser se auto escolhe e aí está incluso o Ser moral, como forma de “adiar o final”.¹⁸ Será mesmo que o Ser ao não escolher morrer, quer apenas adiar o final? Para Jonas sim. Assim, o eu que ao mesmo tempo se volta para si mesmo, é um eu objeto, se auto reflete, e por isso decide a cuidar de si mesmo e do exterior, pautado por um princípio ético, chamado de responsabilidade.

A VIDA PAUTADA NO PRINCÍPIO ÉTICO

Na Filosofia de Hans Jonas, a vida em sua totalidade constitui o alicerce imprescindível da ética da reponsabilidade. Por isso, o filósofo faz todo esse movimento de resgate sobre a importância da vida, desde a matéria, desde o metabolismo até a vida em formas mais complexas, do não ser ao ser, propondo assim uma nova ontologia, de forma que englobe a vida em sua totalidade. Tudo isso, com o objetivo de formar a base de sua filosofia, que aponta para a necessidade de uma nova ética, pautada na responsabilidade, onde o reducionismo filosófico quanto ao dualismo citado em tópicos anteriores, seja superado.

Na busca de ultrapassar tal reducionismo, o filósofo mostra que a ética não deve se resumir apenas em julgamentos valorativos mas deve englobar a importância da preservação do biológico. Desse modo, Jonas roga pela necessidade urgente de uma ética que contemple o que existe no mundo enquanto imanente, essencial, e isso para ele representa a vida desde sua estrutura mais simples. Vejamos o clamor de Jonas: urge que, [...] “a axiologia se torne uma parte da ontologia”.¹⁹ Desse modo Jonas entende que a preservação da natureza como um todo tenha a força de um “dever”.

Para Jonas, as éticas atuais, não conseguem mais dar conta dos problemas, ou seja, não deve apenas incluir o comportamento das pessoas de um a um, apesar de tal necessidade não ser eliminada, mas o filósofo engloba a necessidade de incluir a natureza como algo mais geral causador de todas as vidas, como fundamentação ontológica. Jonas fundamenta sua teoria ética na ontologia, e busca com isso, pautar sua ética, do ser ao dever ser. Assim ele busca um fundamento seguro para sua teoria.

¹⁸ _____. **O princípio vida:** fundamentos para uma biologia filosófica. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 15.

¹⁹ JONAS, H. **O Princípio Responsabilidade:** ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006, p. 148.

Postula que o ser é frágil e encontra-se em permanente ameaça. Segundo ele, paira sobre o universo, uma vulnerabilidade geral, uma vez que o homem, utilizando-se da técnica, é capaz de destruir o ser. O homem é o único capaz de barrar a destruição geral, por isso, ele deve assumir a responsabilidade sobre a totalidade da vida. Além disso, o homem possui uma predisposição a assumir essa responsabilidade, sendo esta uma característica impressa no homem, pois “é uma característica distintiva e decisiva da essência do ser humano e de seu equipamento existencial”.²⁰ A disposição ética apontada por Jonas, possui lastro no potencial ontológico de escolha, nesse sentido responsabilidade ética e liberdade caminham juntas e inseparavelmente. E tal responsabilidade vai além, pois não inclui a responsabilidade apenas pela consequência imediata do ato, mas por atos que possam ter consequências futuras e não sabidas nem com base em previsibilidade. A responsabilidade como propriedade ontológica do homem, o obriga a assumi-la, pois tal responsabilidade é, “garantia a continuidade de sua presença no mundo”.²¹ Essa garantia inclui também, que o presente garanta o futuro, pois quem ainda não foi jogado nesse empresa, chamada existência, precisa ter resguardado a possibilidade de o ser e vindo a ser, já nasce com a marca da responsabilidade por outros e assim deve ser *ad infinitum*. Vejamos qual é a causa de tal responsabilidade explicada por Oliveira:

A causa prioritária da responsabilidade, como condição ôntica, é sua própria conservação, e isso implica a existência de uma humanidade futura. O ser é responsável pela capacidade de sua responsabilidade. Trata-se de um argumento circular retirado de uma espécie de dedução. Não se trata de uma dedução lógica, contudo, mas existencial.²²

Verifica-se, que Jonas postula sobre um dever presente e que também deve ser um dever futuro, como forma de garantir as gerações futuras além da vida, a capacidade de exercer a própria responsabilidade. Assim Jonas aponta para os perigos da técnica, pois a mesma pode modificar a essência da vida e até mesmo destruí-la. Para Jonas, a felicidade como fim da vida não deve ser mais a única finalidade perseguida, tendo em vista que para se ter felicidade, antes precisa-se existir, e estando o homem em risco de deixar de existir, é preciso uma preocupação que vá além da mera busca de um vida feliz, ou da felicidade no instante atual. A ética postulada por Jonas é uma ética do presente e também para o

²⁰ _____. **O fardo e a benção da mortalidade**: Trad. Wendell Evangelista Soares Lopes In> Princípios. Natal, v.6, n.25, jan./jun.2009. p.144.

²¹ IBID, p.145.

²² OLIVEIRA, Jelson. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla. – São Paulo, 2015, p. 70. – (Coleção Ethos)

futuro. Assim, a autoridade ética deve pautar-se na garantia de que exista um futuro para a humanidade. Para Oliveira, parece estranho e um pouco incoerente esse novo princípio ético, ele diz:

A estranheza do argumento se deve ao fato de que a nova ética, assim, por lhe faltar a reciprocidade, reveste-se de uma ontologia, fazendo com que a responsabilidade, enquanto dever, se efetive a partir do ser primordialmente como um dever ser que está agora – como nunca antes – ameaçando. A regra sobre o modo de ser (que é o campo tradicional da ética) está agora pautada no imperativo ontológico do existir: para que haja uma ética é preciso, antes, uma ontologia – para que haja um dever é preciso que haja, antes, um ser.²³

Como se observa, a garantia de que haja vida futura é uma exigência da nova ética postulada por Jonas. Ou seja, a maneira atual de ser e agir, deve-se preocupar com vistas a garantir uma existencial atual e também futura. E a nova ética possui uma obrigação que inclui o ser enquanto ser, a natureza em um sentido global como princípio primeiro. Pontua Jonas: “o primeiro princípio de uma ética para o futuro não se encontra nela própria, como doutrina do fazer (à qual pertencem, aliás, todos os deveres para com as gerações futuras), mas a metafísica, como doutrina do ser, da qual faz parte a ideia do homem”.²⁴

O homem, com base na nova ética apontada por Jonas, deve ser responsável ontologicamente, de modo que seu modo de agir deve garantir a possibilidade da própria existência futura. A vida, nesse sentido, se torna o valor supremo, um bem que deve ser indisponível, não devendo o homem dispor da vida seja ela qual for, ainda que no nível mais básico. Pois pôr em perigo a vida no nível mais básico, implica em pôr em perigo a vida em sua totalidade. Vez que, como já explicado neste pequeno ensaio, o ser é dependente do não ser e vice-versa. Para sobreviver, o ser, mesmo tendo saído do não ser, continua precisando dele para sobreviver; a sobrevivência é dependente de uma constante troca, isso implica uma interdependência *ad infinitum* entre ser e não ser. Por isso, o princípio da responsabilidade de Jonas inclui a natureza em um sentido global.

Urge, então que o homem enquanto ser racional, capaz de manter e ao mesmo tempo com poder destruidor por meio da técnica moderna, aja pautado na ética da responsabilidade que grita para que o homem diga um sim ontológico à vida; um sim à

²³ IBID, p. 71.

²⁴ JONAS, H. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006, p. 95.

natureza, que precisa ser preservada com suas variadas formas de vida em risco de extinção e destruição pelo poder da técnica moderna. Para Oliveira, a inovação jonasiana: “transforma o homem num tutor da natureza através da adoção da moralidade”.²⁵ E assim é a ideia inovadora de Jonas, pois segundo ele, as novas éticas devem incluir a natureza. O homem não deve mais ver a natureza como um mero objeto de apropriação, pois sabe-se que suas fontes não são mais como se imaginava, inesgotáveis, e a natureza grita por socorro, encontrando-se em iminente perigo de destruição pelo poderio destruidor da técnica moderna. E o perigo disso tudo, como já falamos é o risco iminente de destruição total da vida presente e da vida futura, o risco é existencial. O filósofo Jonas chama nossa atenção para essa necessidade urgente de uma nova ética, que deve ser assumida por cada indivíduo singular e por todos, que devem colocar a vida no santuário da proteção ética, como valor de todos os valores, a vida tendo como fundamento o próprio ser, numa relação de interdependência, onde o ser depende do não ser em uma constante troca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para falar sobre a nova ética da responsabilidade trazida à filosofia pelo filósofo Hans Jonas, chama-se a atenção do leitor sobre a insuficiência das éticas antigas expostas pela tradição filosófica. Implica em antes, expor seu pensamento, iniciando pelas suas próprias bases, ou seja, para chegar a sua ideia central do princípio ético da responsabilidade, o autor começa a dizer o que é a vida em suas bases ontológicas. E aqui tentamos em apertada síntese, expor essas bases ontológicas que fundamentam a filosofia da tecnologia trazidas à baila pelo autor. Desse modo, discorreremos sobre a vida como pensada por Jonas, a liberdade, e a responsabilidade. E em breves linhas apontamos para o perigo trazido pela liberdade desenfreada e os riscos da técnica moderna. Contra o movimento filosófico de seu tempo, Jonas caminhou em contra força, na medida em que baseou sua ética na ontologia, o que para muitos já era algo superado. Discorreremos sobre o fenômeno vida e sobre a tão importante liberdade, postulando que a mesma já existe desde o metabolismo, vez que a vida, para Jonas, surgiu por um ato de liberdade, que já

²⁵ OLIVEIRA, Jelson. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla. – São Paulo, 2015, p. 74. – (Coleção Ethos)

estava presente no não ser e por isso, não é um ato exclusivo do ser humano. Pois Jonas nos mostra que ela existia na vida biológica.

Com esse perspectiva de Jonas, vida, liberdade, responsabilidade, ele formulou suas bases teóricas para um filosofia da tecnologia. Mostrando que que a liberdade não é exclusiva do homem, mas é nele que atinge seu grau mais elevado e por isso, surge o perigo, que somente pode ser barrado por meio do princípio ético da responsabilidade, que deve, diante da fragilidade da vida, dizer um sim a vida como um todo. Inclui-se a esse pedido proclamado por Jonas, a necessidade de se preservar toda forma de vida, a natureza como um todo, e Jonas reflete sobre isso até os limites, ao dizer que esse cuidado deve ser um cuidado severo que tem como fim, não apenas uma ética que busca uma felicidade, mas a manutenção da própria vida e o direito futuro de não apenas vidas virem a existir, mas que essas vidas tenham por direito, o dever de também serem responsáveis.

REFERÊNCIAS

JONAS, H. *Matéria, espírito e criação: dados cosmológicos e conjecturas cosmogônicas*. Trad. Wendell Evangelista Soares Lopes. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *O fardo e a benção da mortalidade*: Trad. Wendell Evangelista Soares Lopes In> *Princípios*. Natal, v.6, n.25, jan./jun.2009.

_____. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

_____. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Pensar sobre Dios y otros ensayos*. Trad. Angela Ackermann. Barcelona:Herder, 1998.

_____. *Técnica, medicina e ética. Sobre a prática do Princípio Responsabilidade*. Trad. GT Hans Jonas da ANPOF: São Paulo: Paulus, 2013 (Col. Ethos).

OLIVEIRA, Jelson. *Vida, técnica e responsabilidade: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas / Jelson Oliveira, Geovani Moretto, Anor Sganzerla*. – São Paulo, 2015. (Coleção Ethos).